

# Imagens que devoram: cinema, teoria queer e educação em Cultura Visual

THIAGO F. SANT'ANNA

Imagens sobre sexualidades e relações de gênero não são resultantes de uma ideia natural, a-histórica ou a-cultural do mundo, mas abrangem experiências visuais cuja decifração, ou descrição de suas condições de produção, demandar-nos-ia operar ferramentas interpretativas estratégicas capazes de fazer-nos desmontar representações que o mundo andro/heterossexista pode nos conduzir a visualizar. Diante dessa hipótese, não é difícil imaginar o incômodo, conceitual e operacional, que algumas imagens do cinema almodovariano provocam em um mundo heteronormativo quando delas fazemos emergir “experiências visualizadas” transgressoras. “O I/Mundo da Educação em Cultura Visual”, de Belidson Dias é, sem dúvidas, o caminho de uma “experiência visualizada” transgressora, capaz de nos fornecer categorias de análise e habilidades interpretativas à altura do desafio diante da esfinge. A operação teórico-metodológica subversiva dessa produção coraça-nos a enfrentar regimes de verdades visuais que ancoram essas imagens, aparentemente silenciosas e imóveis, a uma política de significação dos corpos, dos comportamentos e das relações sociais que nos inquietam e nos amedrontam, enquanto poderosas figuras mitológicas a encurralar-nos diante do desafio: decifra-me ou devoro-te!

Decifrar as imagens acerca do gênero e da sexualidade em Almodóvar é recusar-lhes seu estatuto de veracidade e reprodução fiel da realidade, é negar suas identidades fixas, seus padrões culturais homogêneos e a ordem heteronormativa que preside a educação em cultura visual. Que possibilidades bélicas a obra de Dias nos apresenta para o enfrentamento das perspectivas conservadoras da educação na cultura visual, tão opressivas às questões do gênero e da sexualidade fora dos padrões dicotômicos e essencializadores? Como decifrar a esfinge da verdade das imagens, antes

que elas nos devorem, nos dobrem em sinal de reverência ao mundo heteronormativo?

É nessa perspectiva que Dias, longe de aglutinar, convencionalmente, texto e imagem, apresenta-nos um investimento visual da obra que não se restringe a mera ilustração dos sentidos que as palavras buscam encadear, na expectativa de que a leitura do texto se torne mais fluida ou leve. Por outros mares dantes navegados, na via de subversão dos limites a que muitas obras substancializadas de imagens são circunscritas, o/a leitor/a desse trabalho poderá apreciar a descrição da narrativa, simultaneamente à imersão na profundidade de suas análises, atravessadas por uma perspectiva pós-moderna, ancorada na teoria queer, nos estudos de gênero e na educação em cultura visual. Em resumo, a obra conduz-nos a um mergulho revelador de profundas e difusas leituras, capazes de nos possibilitar ir do texto às imagens; e das imagens ao texto; das imagens a outras imagens.

Longe de armadilhar uma prisão, o manuseio das ferramentas teórico-metodológicas específicas e fecundas, é pautado pelas leituras de uma vasta literatura, substancial ao trabalho de Dias. Sua seriedade e criatividade, resultante de um viés de sua tese de doutorado – “Border epistemologies: looking at Almodóvar’s queer genders and their implications for visual culture education” (2006), defendida na University of British Columbia, Canadá, onde “analisou as interseções cotidianas das representações queer no cinema com a arte/educação” (DIAS, 2011, p. 33) – são motivadas pelo estudo com metodologias de pesquisa educacional em arte e teoria queer que dá às imagens o poder de atravessar o seu texto e encharcar o solo teórico-metodológico de suas incursões analíticas com produções em co-autoria e inserções narrativas densamente subjetivas. O resultado é um sofisticado estudo, inundado de categorias e pensamentos contemporâneos construídas sobre as singularidades da educação em cultura visual, na condição não de objetos a ganharem visibilidade, mas de perspectivas e fraturas do conhecimento politicamente comprometidas com uma trans-viagem epistemológica.

As ideias e perspectivas fomentadas nas relações entre os estudos culturais, o cinema e a educação da cultura visual são trabalhadas em sua obra em 5 partes. Sua *compulsividade* assumida pela pesquisa em gênero e sexualidade e arte/educação demarca uma política de coalizão a partir da qual analisa imagens; genealogiza os conceitos mobilizados como cultura visual, arte/educação, educação da cultura visual e as ques-

tões de gênero, sexualidade e moralidade; situa seu campo epistemológico de combate, inscrito na perspectiva da cultura visual e da teoria queer como campo *de fronteira*; elucida analiticamente fragmentos da obra *Volver* de Almodóvar; e, por último, compartilha com o leitor experiências de pesquisa e textos produzidos em co-autoria ao longo dos seus estudos de pós-graduação. É marcante a passagem em que Dias reconstruiu uma cena inusitada ocorrida durante suas aulas de doutorado na UBC/Canadá quando ao apresentar seu trabalho de pesquisa, foi surpreendido pela revolta de estudantes diante de cenas do filme de Almodóvar. O relato acena, inevitavelmente, para a inseparabilidade entre a teoria/ciência e a prática/subjetividade na produção do seu conhecimento. A cena imaginada revela-nos o poder devorador de esfinge que os regimes de verdade visuais heteronormativos impõem-nos diante das imagens, constituindo-nos enquanto sujeitos inaptos/as a decifrá-los.

Potencialmente investigativo no campo da educação em cultura visual, seu trabalho assegura ser esta uma poderosa prática pedagógica crítica, “inclusiva de todas as formas de relações de ensino e aprendizagem da visualidade e seus produtos culturais” (DIAS, 2011, p. 71) capaz de “dar visibilidade e efetivamente auxiliar a compreensão das representações visuais de gêneros e sexualidades na sociedade” (DIAS, 2011, p. 22), de forma a desnaturalizar as relações de poder imersas nas práticas educacionais, pedagógicas e políticas. Sustentadas por hierarquias e pela imposição do sistema binário, essas relações de poder, histórica, cultural e socialmente construídas, são cimentadas pelo ensino de artes acrítico, capazes de reproduzir e disseminar concepções hierarquizadas de cultura, comprometidas com a glorificação de determinados objetos de arte, a autorização do que convém como experiência estética adequada e a certificação de certas interpretações da História da Arte. Com efeito, a produção de uma hierarquia curricular como efeito dessas relações de poder, passa a ser marcada pela desvalorização de outros objetos de arte, de outros artefatos visuais e de outras histórias de outras artes (DIAS, 2011, p. 29). Questionar esse regime de verdade visual ou ordem visual que instala relações de poder, reforça o sistema binário, produz um ensino acrítico voltado para experiências estéticas glorificadas, é enfrentar o poder de esfinge do mundo heteronormativo que torna as imagens do cinema almodovariano devoradoras!

Afinado às teorias contemporâneas pós-estruturalistas no campo da Cultura Visual, o estudo de Dias também é sensível

e acessível àqueles/as que buscam se enveredar inicialmente pelos estudos sobre as visualidades, pois nos oportuniza com orientações proveitosas sobre os campos conhecidos como Belas Artes e Cultura Visual, sem se limitar a qualquer leitura linear ou evolutiva. Algumas indagações genealógicas sobre a “rede histórica de poderes e conhecimentos na área” são fomentadas: “Quem nomeia? Pra quem? Quem ganha ou perde com o obscurecimento, a afirmação ou supressão destes conceitos? O que está em jogo? O que o seu uso revela ou torna invisível?” (DIAS, 2011, p. 44). Suas problematizações e considerações sobre a diversidade de termos que encampam os estudos visuais, muitas vezes, “justapostos e como se significassem as mesmas coisas”, nos possibilitam observar e analisar o desenho das condições de produção dos campos de estudos classificados. Nessa direção, Dias reconhece ser papel dos arte/educadores “entender a história desses conceitos” para saber como empregá-los de forma adequada para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, não para alcançar uma compreensão evoluída sobre o campo, mas para aguçá-lo o espírito crítico acerca dos mesmos.

A singularidade de sua obra encontra-se atravessada pela perspectiva adotada dos estudos de gênero na História da Arte. Do seu lugar de fala – a teoria queer dos anos 1990 – emanam suas considerações acerca das primeiras abordagens marcadas pela ausência das estéticas femininas e das segundas pautadas pela busca pela igualdade de gênero nos anos 1980. É nesse momento que Dias, de forma segura e coerente, situa o lugar de fala da sua análise, imerso na concepção de epistemologia de fronteira, a partir da qual os estudos feministas, gays e lésbicos, disseminados pelas teorias feministas e queers, não podem ser usados de forma a serem “inseridas” nas áreas de conhecimento dominadas tradicionalmente pelos cânones, como a Educação, a História e a Medicina. Ao contrário, a iniciativa de Dias é marcadamente transgressiva, ao reivindicar a fronteira/margem “como um espaço epistemológico gerador de aceitação, compreensão, reconhecimento, valoração, contradição e capaz de transpor epistemologias configuradas por diferentes posições geoculturais e históricas” (DIAS, 2011, p. 90). Ao recusar as noções de centro/marginal e “investigar a relação que se cria entre o texto e o espectador como modelo interpretativo para uma subjetividade crítica e ativa na arte-educação”, Dias decifra a esfinge dos “sistemas visuais de representação sexual que têm impacto teórico e prático para a arte-educação”, sob um ponto de vista interdisciplinar.

O referencial queer, compreendido por Dias (2011, p. 95) como “um complexo e distinto corpo teórico abstrato que se esforça em desafiar e minar qualquer tentativa de conferir à identidade aspectos de normalidade, singularidade e estabilidade”, compõe seu instrumental analítico e referencial teórico a partir do qual ele recusa confinar-se às margens, mas lança-se a atravessar o campo teórico geral do conhecimento de forma a repensar paradigmas. Dias toma de assalto o i/mundo da educação em cultura visual e as inúmeras formas de ensino-aprendizado com sua análise atravessada por uma concepção de teorização subalterna. Ao investigar o “olhar queer no cinema” e dialogar com perspectivas pedagógicas críticas comungadas com um instrumental interpretativo dotado de uma subjetividade crítica e ativa na arte/educação, Dias desenha uma performance queer/transviada do discurso fílmico de Almodóvar. O conceito de “bagagem” revela-se bastante oportuno visto que as possibilidades de sujeitos trans/viados, enquanto subjetividades distantes de gêneros ou sexualidades normativas, são pensadas pelo autor como caracterizadamente “perdidas”, “inacessíveis” e em constante deslocamento pessoal e social.

Profundamente político, o estudo substancia, com rigor, a importância das possibilidades interpretativas das representações visuais, marcadas por análises e representações de gênero, pela presença da subjetividade e pela perspectiva da subalternidade. No esforço de decifrar a esfinge, antes que os regimes de verdade visuais heteronormativos levem-nos a nos devorar, Dias dá vida às imagens. O autor não as deixa à deriva do texto escrito. Ali, as imagens não servem como mera ilustração, não nos impõem uma verdade e nem são subordinadas ao texto, mas ganham autonomia, são referenciais a conduzir o olhar do/a leitor/a para valorizar as expressões visuais. A “experiência visualizada” de que fala Dias define-se pelas maneiras de visualizar o conhecimento que podem acontecer por meio de inúmeras experiências sensoriais marcadas pelo hibridismo de textos, imagens, toques, paladares, odores e sons. O “I/Mundo da Educação em Cultura Visual” possibilita-nos, nessa direção, refletir sobre a experiência visualizada na educação, lugar onde as imagens não são cenários mortuários à espera dos sentidos a lhes ser conferidos, mas, vivas, elas tentam nos devorar e desafiar nossos conhecimentos. Mas, antes que a esfinge das imagens nos devore, precisamos encantá-la, seduzi-la, para que as verdades e as leituras unívocas ancoradas em um solo heteronormativo, sejam devoradas pelas leituras múltiplas e transgressivas das imagens.

## Referências

DIAS, Belidson. *O I/Mundo da Educação em Cultura Visual*.  
Brasília: Pós-Graduação em Arte da UnB, 2011.  
ISBN 978-85-89698-25-2

Recebido em: 08/11/11

Aceito em: 02/03/12

THIAGO F. SANT'ANNA

*tfsantanna@yahoo.com.br*

Doutor em História pela Universidade de Brasília, na Área de Concentração em Estudos Feministas e de Gênero. Atualmente é pós-doutorando em Artes e Cultura Visual, sob a supervisão da Profa. Dra. Rosana Horio Monteiro, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e professor do curso de Serviço Social do Campus Cidade de Goiás/UFG.